

3 caminhos

HISTÓRIA PARA "MENINOS"

1

Toneca era um menino ainda. Um menino rosado e loiro, de grandes caracóis caindo em cachos sobre os ombros. Menino que levava os dias no baloiço do jardim—um jardim magnífico de cores variadas que a arte de um jardineiro tratava sábiamente,—dando pontapés na criada que andava pela casa alheia a comer o pão que o diabo amassou (os meninos não acreditam que haja diabo, pois não? diabo, aqui, é o mesmo que trabalho mal pago), deitando a língua de fora aos outros meninos que espreitavam, na rua, do lado de lá do gradeamento. Aos outros meninos que tinham por jardim a lama das valetas, que não tinham caracóis mas grinaldas de bicharia, que andavam sempre no baloiço porque a vida deles já era, só por si, um balanço constante.

Toneca era um menino. Um menino lindo de esplendidos cabelos loiros... E à noite, fatigado de brincar (enquanto, talvez, à mesma hora, a criada chorasse baixinho com as pernas doridas de tanto pontapé), adormecia tranquilo em seu pequeno leito de sedas e rendinhas, embalado pelo tictac da mãe que murmurava mansamente—meu amor...

Adormecia, pois. Seu sonhar era branco, azul celeste ou cor de rosa (da mesma cor das suas faces de veludo). Dormia e sonhava. Em seus sonhos nunca o assaltava o remorso das pancadas na criada, da língua tirada de fora aos meninos rotos e sujeitos que possivelmente dormiam na lama (porque a lama, para muitos, é jardim e leito e mesa de hipotético repasto).

Mas uma noite não sonhou assim. Seus sonhos foram maus (a mãe explicava na manhã seguinte que era por causa da birra de não ter querido nesar o padre-nosso...), agitados, terríficos. Toneca ia por um caminho, um caminho longo de cristal, muito liso e brilhante. E à beira do caminho havia casas que eram queijos. Queijos de todas as qualidades e feitios, queijos como Toneca nunca vira nas montras iluminadas deante das quais às vezes os papás se detinham por desfastio.

Nas casas moravam ratos. Ratos brancos de cauda rosada, ratos cinzentos feios e

tristonhos. Ratos pequeninos que deviam ter milmo como Toneca, raltazões enommes, brigões de mil escaramuças com renhauhaus da vizinhança.

Os ratos espreitavam das janelas a passagem do menino que ia andando, andando, pelo caminho longo de cristal a cujas beiras se alinhavam palácios deslumbrantes de paredes cor de morango (matentais importados da Flandres...), fortalezas e choupanas.

Toneca olhava. Ele ia ao acaso, sem saber onde parar, sem saber, sequer, porque é que ia. De repente ouviu baulho atrás de si. Voltou-se e viu (um grito de pavor morreu-lhe na garganta) um bicho enorme que o perseguia. Deitava lume dos olhos, das ventas e da bocarra escancarada. As patas do monstro reboavam no pavimento cristalino. Toneca deitou a correr, a correr como nunca tinha julgado que havia de correr em dias de sua vida. Mas o caminho era cada vez mais longo e parecia não ter fim. Os ratos, nas janelas, riam do medo do Toneca. E Toneca via os meninos sujos e rotos, a criada espancada, todos a gargalhar em coro sem o mínimo respeito pelo seu jardim bem tratado, pelos seus loiros caracóis, pelo seu leito fofo de sedas e rendinhas. Corria, corria cada vez mais. E o papão em cima dele. E quanto mais Toneca corria mais parecia aproximar-se do papão. Gritou. Gritou pelo papá, pela mãe, implorou deus, chamou santos de pau que lhe faziam medo. Quiz acolher-se à casa de algum rato—palácio, fortaleza ou até simples choupana. Em vão. Os ratos fechavam-lhe as portas e os postigos e ficavam, lá dentro, troçando dele. Até os ratos... E o monstro tão perto que lhe queimava o corpo com seu bafo ardente.

Aflito, Toneca despertou. Pelas cortinas vaporosas coava-se o sol de uma manhã claríssima. Mas o menino, ainda assustado, escondeu os cachos de loiros caracóis no carinhoso seio materno e pela vez primeira perguntou:

—Mãe... Mas porque é que?...

2

Toneca não era já menino. Era homem. Um homem andrajoso, sujo, esfarrapado,

cheio de fome. A cara amarelada das privações, a barba grande e negra. Seus pés eram chagas que iam pingando de sangue o asfalto, o mesmo asfalto por onde os outros passavam e rolavam poderosos automóveis. Toneca (ainda se poderá chamar-lhe assim?...), já não dava pontapés na criada (o mundo sofrera rotações inexoráveis, os pais tinham morrido e ele, por sua vez, levava também pontapés cruéis), já não deitava a língua de fora aos meninos esfarrapados, irmanado com eles no leito, na mesa, no jardim de lama. Seu mundo, agora, era a rua, seu balanço a incerteza do dia de amanhã, as sedas e rendinhas de sua cama de infante, as pedras duras e frias. Talvez já nem lembrasse o sonho de menino, os ratos, o papão e as casas que eram queijos. Talvez. Porque se ele fosse menino e aquele sonho, se as casas que ele via fossem queijos e os ratos homens, então mataria os ratos e das pelles faria um fato novo e comeria as casas.

Mas não, não eram. Os arranha-céus eram de ferro e de cimento (bocarras artificiais que só tragavam homens) e os homens eram... homens (talvez puchassem de um revólver para se não deixar reduzir a calças e casacos ou, até, para matar outros que eles desejariam, também, transformar em coletes e sobretudos, em batatas e bacalhau suco...).

Toneca já não era menino. Que é dele o baloiço em que passava os dias, que é dele o jardim bem tratado de flores garridas e cheirosas? Que é deles os caracóis loiros, e o pai do céu, a cabeceira, de braços abertos e olhar maguado? Não se lembrava disso o homem que era vagabundo e tinha fome. Já não era menino. Já não sonhava.

...E um dia achou-se por acaso numa rua muito grande, tão grande que parecia não ter fim. Não era de cristal. Era de asfalto (na vida não há ruas de cristal). O homem foi andando pelo caminho longo. Mas de repente olhou para trás e viu (um grito de pavor morreu-lhe na garganta) um bicho enorme a perseguir-lo. Um bicho que não tinha forma, nem cor, nem olhos, nem boca e morde, mordeia ninguém sabia onde, rasgava e dilacerava ninguém sabia o quê.

E o homem quis fugir, libertar-se da perseguição fatal do implacável papão, cor-

rer, correr pelo caminho longo e asfaltado. Mas os outros homens que passavam (homens vagarosos que não fugiam de ninguém) lentamente, tenazmente, com uma força bruta de prensa irresistível, acotovelavam-no, impedindo-o de passar adiante. E ele—ele que fora Toneca e tivera um jardim e um leito macio e uma criada para dar pontapés e o seio de uma mãe e caracóis loiros como o sol—chorou como menino e perguntou pela segunda vez:

—Mas porque é que?...

3

Campo raso, uniforme, cor de terra, a perder de vista, até ao azul do sem fim. Campo raso manchado de púrpura—sangue. Sangue dos homens que corriam e caíam varados pelas balas do inimigo invisível. Dos homens que corriam ao assalto da fortaleza erguida para além do horizonte e que eram alvo de fantasmas—fantasmas atirando de longe, às cegas, sobre cegos...

Toneca fora bebé de faces cor de rosa e loiros caracóis—caminho de cristal.

E fora vagabundo faminto e andrajoso—caminho de cimento.

E agora era da multidão desvaída e anónima e seu caminho—tristíssimo e derradeiro caminho—estava delimitado por marcos que eram cadáveres, asfaltado pela papa das vísceras e do sangue, ensombrado pela capa negra da morte.

Uma ponta do manto esmagou-o. Toneca—pobre do que foi Toneca!...—rolou por terra sem um gemido. E os companheiros, calcando-lhe o corpo com as cerdas das botas, espezinhand-o com a força bruta da inconsciência, passaram-lhe adiante, loucos, febris, alucinados, os olhos fitos na linha do horizonte, no crepúsculo sanguíneo do sol para lá do horizonte, na vaga fortaleza erguida, talvez, para além do sol. E o homem, moribundo, cencado de mortos e lamentos, angustiado, uma vez mais ultrapassado, gritou pela terceira vez e pela terceira vez ninguém lhe respondeu:

—Irmãos! Mas porque é que?!

Frederico Alves

sol nascente